



**Inovação
Qualidade**

www.sci.sapo.pt



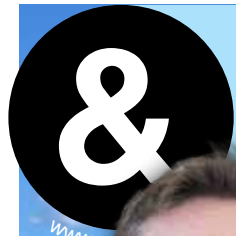
“Esta medida limita a liberdade de escolha do utente”

Félix Carvalho
Presidente da SRNOF

SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ORDEM DOS FARMACÊUTICOS Teme efeitos da internalização das análises clínicas nas ULS

“Pode estar eminente a extinção dos laboratórios de análises clínicas convencionados, o que representará uma perda imensurável para os portugueses”

“A ausência de diálogo por parte da tutela e dos administradores das ULS é incompatível com regras de um país desenvolvido e civilizado”



**Inovação
Qualidade**

www.sc



Pedro Lima
Presidente da Câmara
Municipal de Vila Flor



VILA FLOR

“Nascemos em Vila Flor e temos à nossa disposição uma panóplia de oportunidades”

“Como fomos os últimos a ter alcatrão, é legítimo esperar que sejamos os primeiros a ter digitalização”

“Não podemos esquecer, de forma alguma, as artes e a cultura”

“Pretendemos que o Parque Natural e Ambiental da Quinta da Fonte do Olmo seja a marca desta nova geração de Vila Flor”

“Temos vindo a fazer um trabalho de “formiguinha”, com resultados que considero muito positivos”



Laboratórios de análises clínicas a caminho da extinção?

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos (SRNOF) está profundamente preocupada com o potencial impacto negativo que a criação prevista de quatro novas Unidades Locais de Saúde (ULS), a somar às oito atuais, poderá ter na atividade dos laboratórios de análises convencionados. As ULS preveem a integração e internalização das análises clínicas, prática que, de acordo com vários responsáveis do setor convencionado, se está a verificar, com agravantes para os parceiros privados do SNS, que veem a sua atividade altamente diminuída,

com potenciais consequências extremamente danosas para a população em geral e para os milhares de profissionais que operam no setor, que poderão estar prestes a perder os seus empregos.

A falta de diálogo por parte da tutela e das administrações das ULS com os laboratórios convencionados, desde sempre parceiros fundamentais do Serviço Nacional de Saúde (SNS), tem gerado um clima de indefinição para os profissionais e responsáveis de laboratórios que, ao longo de vários, anos investiram significativamente em tecnologia, equipamentos

e profissionais e que, atualmente, prestam um serviço de excelência às populações. Argumentos como a acessibilidade e proximidade – já que são os únicos que realizam colheitas ao domicílio Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) –, a oferta de horários flexíveis e de um tempo de resposta sem comparação com o público, o conhecimento e as capacidades instaladas ou o elemento de escolha por parte do utente parecem não ser suficientes para inverter um quadro típico de um país não democrático.

Acresce que estes laboratórios con-

vençionados, que visitámos num périplo pela zona Norte, constituem a segunda área profissional com mais farmacêuticos em exercício no setor privado e são os mesmos em que o Estado se apoiou, anos a fio, para colmatar as falhas existentes no SNS, como foi observado recentemente durante a pandemia Covid-19. Neste périplo, registámos as preocupações de Félix Carvalho, Presidente da SRNOF, bem como de responsáveis e profissionais de laboratórios convencionados de análises clínicas e revelamos ainda o comunicado da SRNOF sobre este assunto.

As novas ULS e o setor convencionado das análises clínicas

A Secção Regional Norte da Ordem dos Farmacêuticos tem recebido contatos de vários colegas do setor convencionado das análises clínicas, que manifestam preocupação sobre o potencial impacto negativo que a prevista criação de quatro novas ULS (Guimarães, Aveiro, Entre o Douro e Vouga, e Leiria) pode ter na sua atividade. Com estas quatro novas unidades, o SNS, que dispõe atualmente de oito ULS - Matosinhos (1999), Norte Alentejano (2007), Guarda (2008), Baixo Alentejo (2008), Alto Minho (2008), Castelo Branco (2010), Nordeste (2011) e Litoral Alentejano (2012), passará a dispor de 12.

As ULS permitem a integração dos cuidados de saúde a vários níveis, incluindo análises clínicas. No entanto, os laboratórios do setor convencionado também prestam serviços de análises clínicas, através de acordos com o SNS. Nesse contexto, é importante ressaltar que: (i) o setor das análises clínicas é a segunda área profissional com maior número de farmacêuticos em exercício no setor privado, depois da farmácia comunitária; (ii) o setor convencionado das análises clínicas tem prestado um excelente serviço; (iii) durante anos, o Estado apoiou-se nos laboratórios privados para colmatar as falhas exis-

tentes no SNS; (iv) a regulamentação legal tem sido adequada à realidade do setor, e os laboratórios privados fizeram as necessárias adaptações para cumpri-la; e (v) a oferta de serviços de análises clínicas pelas ULS, sem o envolvimento dos laboratórios do setor convencionado, pode gerar concorrência desleal no mercado, afetando significativamente a atividade desses laboratórios e colocando em causa a sua existência.

A criação de ULS e o seu impacto nos laboratórios convencionados das análises clínicas é um tema recorrente que carece de clarificação e orientações adequadas. Em 2017, a Ordem dos Farmacêuticos teve a oportunidade de abordar a organização e funcionamento do setor junto de representantes de vários grupos parlamentares, tendo em conta a ameaça sobre a sustentabilidade dos pequenos e médios laboratórios privados de análises clínicas/patologia clínica, que durante décadas assumiram um papel nuclear no acesso dos portugueses aos meios complementares de diagnóstico e terapêutica (MCDT). Um potencial impacto negativo nesses laboratórios pode corresponder a um passo incompreensível de eliminação de capacidades e competências que, a curto ou médio



prazo, poderão constituir um retrocesso irreversível na prestação de serviços de saúde aos utentes do SNS. De fato, as preocupações manifestadas em 2017 ainda persistem: fenómenos como a internalização das análises clínicas nos hospitais e laboratórios do Estado ou a integração de unidades privadas locais em operadores de maior dimensão têm afetado a ação de todos os que operam nessa área.

Esse clima de mudança também afeta alguns princípios fundamentais da Lei de Bases da Saúde, como a acessibilidade, a cobertura geográfica ou a liberdade de escolha dos utentes ao prestador de serviços que melhor atenda às suas necessidades e preferências. Por um lado, é possível observar uma série de decisões tomadas pela administração central, autoridades locais e administrações hospitalares que carecem de evidências adequadas. Sob o argumento de um melhor aproveitamento da capacidade instalada no SNS, muitas vezes os doentes são encaminhados para unidades públicas, ignorando-se o regime de complementaridade entre os setores público e privado, que é uma das principais características do nosso sistema de saúde. A Ordem dos Farmacêuticos tem defendido

que o aproveitamento da capacidade instalada deve ocorrer onde ela já existe. Por outro lado, é importante lembrar que os laboratórios do setor convencionado têm a vantagem de oferecer serviços mais personalizados, incluindo horários flexíveis e um atendimento individualizado. Além disso, a sua manutenção e vitalidade é fundamental no que concerne aos acordos com seguradoras e subsistemas de saúde, permitindo uma cobertura de despesas maior para os utentes. Finalmente, ainda não foram esclarecidos vários indicadores relativos à atividade dos laboratórios de análises clínicas, como o verdadeiro custo unitário dos exames no setor público e a sua competitividade em relação ao sistema de convenções estabelecido há vários anos.

A preocupação dos colegas do setor convencionado das análises clínicas é legítima, tendo em vista o potencial impacto negativo que a criação de ULS pode ter nas suas atividades. É fundamental garantir uma adequada regulamentação e orientação para a oferta de serviços de análises clínicas pelas ULS, de forma a proteger a sustentabilidade dos laboratórios do setor convencionado e assegurar a qualidade e acessibilidade dos serviços de saúde para toda a população.



Félix Carvalho, Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos

“Não é legítimo nem compreensível colocar em causa a existência dos laboratórios de análises clínicas convencionados”

A Secção Regional do Norte da Ordem dos Farmacêuticos emitiu recentemente um comunicado em que dá conta da incompreensão e insatisfação face a uma prática que o governo está a implementar nas Unidades Locais de Saúde e que compromete seriamente a continuidade dos laboratórios de análises clínicas... quais são, em concreto, os motivos de preocupação?

A incompreensão e insatisfação manifestada pelos colegas de análises clínicas deve-se à falta de diálogo por parte do governo relativamente ao possível impacto da criação das novas ULS. O receio de um impacto negativo prende-se, principalmente, com a integração e internalização das análises clínicas nestas ULS, o que poderá levar à diminuição drástica do contributo dos laboratórios de análises clínicas convencionados para o SNS. Esta diminuição poderá levar ao encerramento destes laboratórios, o que preocupa os colegas farmacêuticos analistas clínicos que neles trabalham, uma vez que desconhecem as regras que serão implementadas. Desde sempre, tem existido uma colaboração estreita entre os laboratórios convencionados e o SNS, com significativo investimento em equipamentos e pessoal, para prestarem um serviço de elevadíssima qualidade e proximidade que o serviço público não poderá fornecer. É importante que estes laboratórios se mantenham em funcionamento, pois o seu encerramento colocaria em causa um serviço essencial que é prestado às populações. A falta de diálogo entre a tutela do SNS e os laboratórios convencionados fundamenta este receio, visto que já existem casos de encerramento de laboratórios próximos a ULS já em funcionamento. A Ordem dos Farmacêuticos pretende dar voz aos seus associados e compreender melhor a situação atual. Não tem

nada contra as ULS, mas deseja que exista colaboração e transparência para que todos saibam com o que podem contar no futuro. Não é possível exigir-se constantemente a adaptação de instalações e equipamento aos laboratórios convencionados sem garantir o seu futuro a curto ou médio prazo. A Ordem acredita que, se não houver uma decisão justa por parte das autoridades competentes, a liberdade de escolha do próprio utente será limitada e a população em geral será prejudicada.

Pelo que me foi dado entender neste périplo realizado por alguns laboratórios convencionados, caso não exista essa abertura ao diálogo por parte da tutela e uma decisão justa, em última instância, estaremos perante uma limitação da liberdade de escolha do próprio utente que necessite de fazer análises clínicas, seja ele saudável ou doente e, por outro lado, perante o não reconhecimento da capacidade que estes laboratórios representam em termos de tempo de resposta e de proximidade (fazem recolhas nos domicílios ou em lares, conhecem utentes pelo nome...), bastante diferenciados dos públicos... o mais prejudicado acaba por ser a população em geral...

Sim, no final das contas, são as pessoas que são prejudicadas. E quando falo de pessoas, refiro-me a todos, doentes ou não, que precisam fazer exames laboratoriais. A saúde da população em geral está em risco. A simples ideia de perderem a liberdade de escolha do local onde se fazem os exames é algo negativo por si só. Todos sabemos que o SNS enfrenta algumas dificuldades, e isso é noticiado diariamente pelos meios de comunicação social. Não podemos comparar, a proximidade, a flexibilidade de ho-

rários e o tempo de resposta dos laboratórios privados com os serviços do SNS. Não estou a questionar os serviços prestados pelas ULS do SNS. Estou sim a dar voz àqueles que têm receio de serem completamente ignorados, fazendo-se tábua rasa das soluções existentes e às capacidades já instaladas nestes laboratórios, que não devem ser desperdiçadas. Precisamos garantir que a rede de laboratórios convencionados seja financeiramente sustentável para que não corramos o risco de perdermos a proximidade que esses laboratórios têm com os domicílios, lares de terceira idade e outros locais de colheita, caso deixem de ser financeiramente viáveis. Para garantir essa sustentabilidade, é crucial manter a ligação entre os laboratórios e o SNS. Essa é a questão que deve ser clarificada com a criação das novas ULS.

Também neste périplo pelos laboratórios, constatámos indignação face a práticas particularmente graves e que condicionam a liberdade de escolha: centros de saúde que “obrigam” os utentes a realizarem as suas análises nesses locais...

Sim, sabemos que as ULS orientam os utentes a marcarem as suas análises clínicas imediatamente nesses mesmos locais, o que põe em risco a liberdade de escolha individual. Temos conhecimento de que em algumas unidades onde foram instaladas as ULS, esse impacto negativo ocorreu: os laboratórios convencionados ao redor começaram a ficar sem utentes. Essa possibilidade é assustadora, pois não podemos depender apenas do SNS para as nossas necessidades de saúde. **Existem também ecos de atrasos nas marcações, como se constata noutros domínios e valências do SNS...**

É sabido que, dentro do SNS, as marcações são frequentemente afetadas por atrasos, como tem sido

reportado diariamente nos meios de comunicação social. Se as pessoas forem privadas da sua liberdade de escolha em relação aos locais onde podem fazer análises clínicas, isso pode rapidamente sobrecarregar o SNS, aumentando ainda mais os atrasos. Isso não beneficiará ninguém. Podemos olhar para isto numa perspetiva macroeconómica e pensar que, porventura, se gastará menos dinheiro, algo que ainda não foi demonstrado...

... E será que se gasta mesmo menos?

Aqui é que está o problema... ao não oferecermos um serviço de qualidade e rapidez, estamos a colocar em risco a saúde das pessoas. Todos sabemos, inclusive os decisores políticos, que os laboratórios convencionados oferecem um serviço de excelência. Então, por é que agora decidem não dialogar? Tenho dificuldade em entender essa falta de diálogo, que demonstra uma prepotência típica de instituições pouco democráticas.

Também testemunhámos queixas relativamente a essa prepotência e falta de disponibilidade para dialogar por parte de algumas administrações de ULS. Deverá o enfoque sobre esta prática ser colocado nessas administrações ou na própria tutela?

Acredito que deva haver uma abordagem holística para lidar com esse problema, abrangendo tanto a criação de regras claras quanto a promoção do diálogo. Quando as regras não são estabelecidas e o diálogo é limitado, há espaço para os gestores poderem agir à margem da razoabilidade.

Recordo que, ainda recentemente, durante um período muito problemático no país devido ao Covid-19, estes mesmos laboratórios ofereceram uma resposta altamente rápida e capacitada, revelando-se preponderantes para o controlo epidemiológico... entretanto,



já muita gente parece ter esquecido esse contributo...

De facto, é inegável que existe um reconhecimento por parte da população e, espero, por parte das autoridades competentes, relativamente ao importante papel desempenhado pelos farmacêuticos em geral. Não só as análises clínicas, mas também as farmácias comunitárias, a distribuição farmacêutica e a indústria farmacêutica deram um contributo fundamental. Não se pode pedir tudo em momentos de maior necessidade e depois descartá-los ou não aproveitar todo o seu potencial, correndo o risco de colocar em risco a sua continuidade.

São muitos os profissionais que trabalham em Portugal neste setor e que poderão constituir mais um encargo para a Segurança Social...

Concordo plenamente! No setor privado, a área das análises clínicas é a segunda que mais emprega farmacêuticos em Portugal, tornando-se um grupo de enorme importância para o país, com conhecimentos técnico-científicos únicos. Não podemos menosprezar nem desvalorizar essas competências e capacidades. Precisamos incluí-los na equação quando o objetivo é a saúde dos portugueses.

Teme que esta internalização das análises clínicas nas ULS possa ser extensiva a outras tipologias de unidades de saúde?

A nossa preocupação recai atualmente no âmbito das análises clínicas. Não questionamos a disponibilidade de análises clínicas nas ULS. Acreditamos que a complementaridade

entre os serviços é benéfica. O que questionamos é a privação da escolha do local para realizar as análises clínicas por parte das pessoas, especialmente quando os laboratórios convencionados foram tão úteis para o SNS até à data, com competências e capacidades já estabelecidas.

O estabelecimento de quotas seria um mal menor?

É importante que haja um diálogo aberto e contínuo para discutir todas as opções. Precisamos de regras claras e sustentáveis para garantir a credibilidade e a continuidade do sistema de análises clínicas. É fundamental que os nossos colegas analistas clínicos tenham a capacidade de prever o seu futuro e saibam que o seu trabalho é valorizado. Se não houver uma perspetiva de futuro, podemos até correr o risco de diminuir o número de novos farmacêuticos analistas clínicos no mercado. Portanto, é crucial que encontremos soluções que permitam a continuidade e a evolução deste setor.

O Professor Félix Carvalho é um profissional reconhecido pelos seus pares – também por isso foi eleito presidente do SRNOF -, já presidiu e preside organizações de cariz mundial, conhece sistemas de saúde um pouco por todo o mundo... seria capaz de imaginar um cenário como este noutro país desenvolvido que não Portugal?

Sabemos que este modelo de ULS existe em outros países... a grande diferença do que estamos a pedir é algo simples: diálogo e parceria. Qual é o problema em sentarem-se com os laboratórios convencionados, discutirem o assunto e chegarem a uma solução que beneficie a todos? Quando é benéfico para todos, é certamente benéfico para a população. Por que continuar a complicar as coisas? A dificuldade em criar consenso não é característica de comunidades civilizadas.

Félix Carvalho

PharmD; PhD; ERT; EuCP

Professor Catedrático

Presidente da Secção Regional Norte da Ordem dos Farmacêuticos



As recentes notícias veiculadas na comunicação social sobre a criação de novas ULS têm causado enorme preocupação juntos dos laboratórios de análises clínicas. Sendo estes também parte integrante do SNS através de convenções celebradas há mais de 40 anos, receiam que a internalização dos Meios Complementares de Diagnóstico e Terapêutica (MCDT), nomeadamente das análises clínicas, possa vir a ter um impacto fortemente negativo na qualidade do serviço prestado à população. De facto, os laboratórios AC desenvolveram estruturas de proximidade, cobrin-

do todo o território nacional, o que permite que qualquer utente possa realizar as suas análises clínicas no local escolhido por si, no dia e na hora que lhe é mais conveniente, respeitando a liberdade de escolha do utente, um direito consagrado na Constituição. Sendo certo que a cobertura da rede de postos de colheita é incomparavelmente maior do que a rede de Centros de saúde/USF, com o fim destes postos de colheita muitos utentes terão que se deslocar dezenas de km ou mais para realizar as suas análises, com inevitáveis custos para a população. Seria importante saber quem

irá assegurar, por exemplo, a realização de domicílios ou colheitas em lares... Atualmente, os laboratórios estão equipados com a mais moderna tecnologia e incorporam nos seus quadros pessoal altamente qualificado. Isto permite-nos disponibilizar resultados de qualidade com maior rapidez, resultados estes que, além de serem entregues ao utente (ao contrário do que acontece nas ULS), são também disponibilizados de forma imediata aos profissionais de saúde, através das plataformas do SNS. As medidas atualmente propostas levarão ao encerramento de muitos labora-

tórios, levando ao despedimento de centenas de trabalhadores. Acresce a tudo isto que os propagados ganhos em eficiência e redução de custos com a internalização, até hoje, ainda não foram demonstrados por qualquer estudo.

Vítor Dias

Laboratório de Análises Clínicas
João Lamartine Dias, Lda

Orlando Silva

Laboratório de Análises Clínicas
Mesquita & Damião, Lda

Isabel Cunha

La Saleté Robles,
Laboratório de Análises Clínicas, Lda



Vantagens dos Laboratórios de Análises Clínicas (LAC):

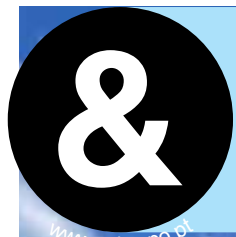
- Postos de colheitas num raio de 50 Km;
- Colheitas aos domicílios e aos ERPI (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas);
- Os utentes é que decidem o dia e a hora que querem fazer as análises;
- Sem lista de espera e sem necessidade de agendamento;
- Maioria dos resultados são entregues aos utentes em 48 horas úteis;
- Casos urgentes e valores de pânico detetados são comunicados e enviados diretamente para o médico no próprio dia;
- Proximidade e conhecimento personalizado dos utentes e família por estarmos ao serviço da comunidade;
- Disponibilidade de abertura e atendimento dos utentes, no Laboratório de Análises Clínicas, todos os dias úteis, das 08H00 às 18H00 e sábados, das 08H00 às 12H00, sempre com farmacêutico especialista em análises clínicas presente.
- Automatização dos aparelhos analíticos de última geração para responder de forma rápida, eficaz e com qualidade certificada aos pedidos dos médicos.
- Formação avançada aos farmacêuticos do LAC nas várias valências exigidas
- Laboratório auditado e certificado PT00/00270.00, cumprindo as Normas da Qualidade NP EN ISSO 9001:2015 exigidas assim como as Boas Práticas de Laboratório.

Âmbito pormenorizado:

- Realização de análises clínicas nas valências de Bioquímica, Hematologia, Imunologia, Endocrinologia, Microbiologia e Toxicologia e Monitorização de Fármacos, nas Fases Pré-Analítica (Recolha, Transporte e Tratamento de Amostras), Analítica (Execução de Análises) e Pós-Analítica (Processamento de dados e Entrega ao Utente).
- Fácil acesso ao Laboratório, ao serviço de colheitas e esclarecimento de dúvidas (sem burocracias nem tempos de espera)

Resumindo: disponibilidade imediata e acesso muito facilitado aos serviços do Laboratório.





**Inovação
Qualidade**

www.sol.sapo.pt



VILA FLOR

“Nascemos em Vila Flor e temos à nossa disposição uma panóplia de oportunidades”

“Como fomos os últimos a ter alcatrão, é legítimo esperar que sejamos os primeiros a ter digitalização”

“Não podemos esquecer, de forma alguma, as artes e a cultura”

“Pretendemos que o Parque Natural e Ambiental da Quinta da Fonte do Olmo seja a marca desta nova geração de Vila Flor”

“Temos vindo a fazer um trabalho de “formiguinha”, com resultados que considero muito positivos”

Pedro Lima
Presidente da Câmara
Municipal de Vila Flor

Pedro Lima, Presidente da Câmara Municipal de Vila Flor

“Pretendemos que o Parque Natural e Ambiental da Quinta da Fonte do Olmo seja a marca desta nova geração de Vila Flor”

Nascido e criado em Vila Flor, Pedro Lima acumula um percurso que, certamente, não se importaria de ver replicado pelos seus munícipes mais jovens: estudou em Inglaterra, viveu no Brasil e, após a experiência acumulada e o conhecimento adquirido, optou por retribuir à sua terra. Não se resignou face à estagnação de um concelho gerido pela mesma força política ao longo de 28 anos e, no último sufrágio autárquico, surpreendeu o país ao conquistar a preferência dos seus eleitores. “Quero que os meus munícipes vivam aqui por sentirem que é a sua terra, que os viu nascer, mas também a terra que os faz felizes”, afirma, em entrevista, o edil que pretende fazer a diferença através do incentivo à aposta na criação de valor acrescentado por parte dos produtores locais, num território abençoado por condições de excelência, mas igualmente na fixação de conhecimento, nomeadamente em áreas como o ambiente, as artes e a cultura, procurando também a atratividade e investimento para o concelho.

O que o moveu a candidatar-se à presidência da autarquia de Vila Flor?

Acima de tudo, o facto de ter identificado, ao longo de vários anos, inúmeras oportunidades que iam sendo perdidas. Por outro lado, eu era empresário agrícola e sentia que exercia uma atividade à qual não era conferida a devida atenção, nem sequer conhecimento, por parte dos políticos locais. Entretanto, fui sendo desafiado, talvez porque muita gente identificava, como eu, a necessidade de uma mudança relativamente a um ciclo de 28 anos de poder continuado e de estagnação em Vila Flor. Paulatinamente e com alguma contenção, fui-me aproximando, mas diria que a principal razão foi saber que podia fazer algo positivo e retribuir à terra que me deu vida.

Que autarquia encontrou há pouco mais de um ano, quando tomou posse?

Encontrei uma autarquia que se revelava muito mais preocupada com a conta bancária do que com o trabalho nas ruas ou com os seus colaboradores... uma autarquia depenada de competências. Tínhamos um só engenheiro civil e, em determinadas áreas não tínhamos mais do que um colaborador. No total, eram apenas 86, o que em

comparação com autarquias vizinhas é manifestamente limitado. Ainda hoje, estamos a tentar repor energias e recursos humanos. Há um ano atrás, quando entrámos em funções, tal como a população, tínhamos uma expectativa enorme: a questão era ganharmos as eleições mas rapidamente nos apercebemos que, após cumprirmos esse objetivo, era necessário reestruturar toda uma orgânica de um município, redirecionar muitos colaboradores, recrutar “sangue novo” que nos ajudasse a perspetivar o município, reformular expectativas... no fundo, o trabalho de “formiguinha” que temos vindo a fazer, com resultados que considero muito positivos. Entretanto, fizemos um balanço social, instrumento que nunca havia sido conhecido na câmara antes do nosso exercício e que resulta num diagnóstico aos recursos humanos, que nos permitiu constatar, entre outros indicadores menos positivos, que a média etária se cifra nos 50 anos... Em 2021, reformaram-se 20 colaboradores e, até ao final do mandato, outros 50 entrarão em idade de reforma. Fruto da realização desse balanço social, já nos foi possível proceder a reestruturações de serviços e duas mudanças

no regulamento do quadro de pessoal, documentos que permaneciam inalterados há mais de 20 anos e que nos comprometemos a rever anualmente. Um município que pretenda ser atual e prestar um bom serviço aos seus munícipes tem que saber adaptar os seus serviços e direcionar competências, e creio que essa terá sido a maior transformação que fizemos neste primeiro ano. Não sendo propriamente visível, irá certamente dotar Vila Flor de uma estrutura municipal adaptada aos tempos que correm e com uma resposta diferente. Também iremos transformar o atendimento num serviço muito mais abrangente e englobante, integrando



nomeadamente o pelouro da agricultura. Passaremos a contar com uma equipa que, além de possuir um vasto conhecimento na área, irá apoiar e direcionar investidores. No que concerne a mudanças mais visíveis, reforçámos claramente a aposta nos produtos e sabores de Vila Flor, e realçaria a realização da Expo Vila, uma exposição que cativou uma fantástica participação de expositores e público e conquistou este ano a merecida relevância a nível nacional. Neste âmbito, procurámos dinamizar o território diversificando a oferta de eventos durante o ano: realizámos a Vila FLiz Natal e teremos brevemente as Amendoeirias em Flor, sempre na perspetiva de promoção dos produtos endógenos e passando a clara mensagem aos produtores locais que deverão adicionar valor e diferenciação ao seu produto. Temos ainda muito terreno por explorar. Estamos na Região Demarca-

da do Vinho do Porto e na produção de azeite estamos a chegar a um nível de excelência, fruto do trabalho de pessoas muito empenhadas e que desenvolvem marcas, conceitos e produtos de altíssima qualidade e que elevam o nome Vila Flor além-fronteiras e criam emprego. Acrescentaria que é fundamental explorarmos novas tendências, nomeadamente na área da amêndoa, muito relevante em Vila Flor. Obviamente, o município deve acompanhar estas vertentes e os investidores locais, não como um mero observador que se orgulha por produzir em quantidade mas como um parceiro que fomenta, apoia e facilita produções de qualidade e com valor acrescentado, acompanhando os produtores e demonstrando que tem o conhecimento de que, se por exemplo a amêndoa sair daqui já trans-

formada e empacotada adquirirá mais valor, produzirá mais riqueza e criará mais emprego. Além destas vertentes agrícolas, não posso deixar de referir que somos o maior produtor ibérico de pêssego, na Vilarça, um vale fenomenal para produção de fruta, onde se destacam também a nectarina e o figo. Em suma, temos condições ímpares e cabe ao município adotar uma postura de proximidade face a estas vertentes, mostrar-se disponível para os investimentos necessários e dar uma chance de qualidade aos produtos. Outra ação que desenvolvemos inicialmente foi a definição de uma nova imagem do município, que pretendemos que caracterize a nossa identidade e seja facilmente reconhecível. Adicionando-lhe os produtos de altíssima qualidade que temos, conseguimos criar o conceito de que Vila Flor é sinónimo de qualidade.

Um eixo estratégico: fixação de conhecimento

“Uma das áreas que me parecem ter sido descuradas nos concelhos mais pequenos e que considero de extrema importância prende-se com a fixação do conhecimento. Elegendo esse designio e cruzando-o com a posição privilegiada que Vila Flor ocupa ao nível do ambiente, iremos edificar um parque ambiental e natural, que integrará, entre outras valências, um centro interpretativo de alterações climáticas. Confesso que não temos veleidades de trazer para cá uma licenciatura mas queremos, pelo menos, ter cá gente universitária! Já tivemos reuniões preparatórias com o Instituto Politécnico de Bragança, com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas e iremos certamente envolver ainda a Agência Portuguesa do Ambiente, a Direção Regional de Agricultura e Pescas e o Agrupamento de Escolas. Acredito que, juntos, conseguiremos atingir o nosso objetivo. Estas entidades ficaram surpreendidas quando constatarem que um município estava a revelar esta visão. Não nos limitamos a financiar, a dar bolsas... a melhor marca que podemos deixar consiste em identificarmos

o que nos distingue dos demais territórios ao nosso redor. Em Vila Flor, temos uma altitude bastante diferente dos restantes territórios, onde algumas espécies, como o castanheiro, ainda sobrevivem, e temos naquela localização uma quinta que é património do município, contígua a um parque de campismo obsoleto e mal utilizado... pedimos aos projetistas que pensassem num conceito integrado, que contemplasse, inclusive, um campismo mais atual. Portanto, o Parque Natural e Ambiental da Quinta da Fonte do Olmo irá integrar o campismo, as alterações climáticas, com um centro interpretativo, uma sala de conferências e anfiteatros ao ar livre, num investimento que não é muito significativo em termos financeiros, porque ronda 1,5 milhões de euros, mas que se traduzirá certamente num investimento grandioso. Pretendemos que este parque seja a marca desta nova geração de Vila Flor. Além de reforçarem a consciência de onde vivem, reconhecerão o valor que representa o lugar onde vivem, não esquecendo a forma como nos devemos relacionar com o nosso ambiente e habitat. É um

projeto muito empolgante e que será, sem dúvida, das maiores marcas que se poderão associar a Vila Flor. Tem a ver com experiência e conhecimento, resultará também na edificação de residências universitárias, mas essencialmente num belíssimo livro de ensinamento para o nosso agrupamento de escolas, onde as crianças poderão até ter aulas e AECS ao ar livre, interagindo desde pequenas com o seu meio ambiente. Estou convicto que, no futuro, com este tipo de projetos, teremos uma geração mais feliz, mais sensibilizada e mais capacitada para áreas atuais, podendo depois formar-se e, eventualmente, regressar à terra”.



Desafio: fixar população no interior

“Para fixar população precisamos, antes de mais, de mostrar que cuidamos bem daqueles que cá estão. A esse nível, temos várias vertentes, uma das quais não nos cabe enquanto competência e resulta na única exigência que faço ao governo central: como fomos os últimos a ter alcatrão, é legítimo esperar que sejamos os primeiros a ter digitalização. Disso não prescindindo! Se não estivermos “ligados” hoje em dia, aí sim, deixar-nos-ão isolados e esquecidos. Temos essa promessa inscrita no PRR para o investimento e quero acreditar que será concretizável. Quanto ao resto, teremos que ser nós a fazer... A propósito, gostaria de me focar noutra área de fixação de conhecimento, para além da que já referi no domínio do ambiente: não podemos esquecer, de forma alguma, as artes e a cultura. Temos, a vários níveis, essa aptidão, desde o Santuário da Nossa Senhora da Assunção, que tem dois órgãos de tubos, o que não é comum... e começaremos a “educar o ouvido” dos nossos alunos para essa sonoridade diferente; também no campo das artes, temos um vulto incontornável, Graça Morais, em

torno do qual pretendemos fixar conhecimento, não só através da galeria que lhe dedicaremos, mas igualmente da realização do encontro de artes e da celebração de parcerias com diversas instituições. Estamos a tentar dizer algo muito simples: conhecemos o nosso passado, respeitamo-lo na íntegra e vamos apostar nessa continuidade, que envolve todo o setor primário e trará por inerência a atratividade turística. O presente e o nosso contexto conduzem-nos a áreas novas e atuais, como a natureza, as alterações climáticas, as artes, a cultura... nascemos em Vila Flor e temos à nossa disposição uma panóplia de oportunidades. Temos que retirar aquela que é muitas vezes uma imagem que se cria e lembro-me de a minha avó me dizer que esta terra não era para mim... para estudar e ir para fora... temos que retirar isso da equação e transformar em “vai ver mundo e volta trazendo algo que agregue valor à tua terra”... O português sempre foi um povo de viajar, eu próprio estudei em Inglaterra e vivi no Brasil e voltei à minha terra. Não sou mais nem menos do que ninguém mas tenho uma expe-

riência que me abriu muitos horizontes. E continuo a amar a minha terra e a querer estar aqui.

Ainda não ouvi falar em betão...

Betão, para mim, só se justifica depois de fazermos o trabalho que sabemos ser prioritário...

E onde entra a ação social no meio dessas prioridades?

A ação social é fundamental. Tenho o orgulho de termos criado um novo organograma que contempla uma Unidade Orgânica de Envelhecimento Ativo. Além da nossa Divisão de Ação Social que trabalha diariamente para colmatar qualquer necessidade imediata, esta estará na linha da frente, mais próxima da população envelhecida e antecipando. Procuraremos autonomizar as pessoas, potenciando que possam viver nas suas casas até mais tarde e olhar muito à saúde e bem-estar, em particular à saúde mental. No domínio do isolamento sénior estamos a desenvolver projetos em parceria com a GNR, nomeadamente com a disponibilização de pulseiras alarme... o problema é que, mais uma vez, apenas resultam se houver cobertura de rede...





VILA FLOR
AMENDOEIRAS
VILA FLOR

25 FEV. A 12 MAR.

LOCAL: PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES



25/FEV

14:00H- APRESENTAÇÃO DO LIVRO: "TRÊS GERAÇÕES DE POESIA", DE MARIA DOS ANJOS, ANTÓNIO AZEVEDO NASCIMENTO E ANTÓNIO ANDRÉ NASCIMENTO

14:30-17:30H- CONFERÊNCIA "PARCERIAS E PARTICIPAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO", DINAMIZADO PELO CLDS

ANIMAÇÃO ITINERANTE - OS FOTÓGRAFOS FALSOS

21:30H- TANYA

00:00H-DJ ON FIRE

14:20H- DOMINGÃO SIC

**ANIMAÇÃO ITINERANTE - OS SERES MÍSTICOS DA NATUREZA
 ENCONTRO DE CARROS CLÁSSICOS DE VILA FLOR**



26/FEV

ANIMAÇÃO ITINERANTE - DUPLA CINEMATOGRAFICA

**15H - 17H - OFICINA PARA JOVENS SOBRE SUSTENTABILIDADE ALIMENTAR
 "INGREDIENTES (IN)VISÍVEIS", DINAMIZADO PELA ATPD E IMVF**

21:30H- MICAELA

00:00H- DJ PEDRO FIGHTS



04/MAR

ANIMAÇÃO ITINERANTE - TRUPE DE ANIMAÇÃO CIRCENSE

14:30H- TÔNA TUNA - TUNA FEMININA U.BRAGANÇA

15:00H- ENCONTRO MOTARD DO CLUBE MOTARD DE VILA FLOR

15:30H- OUR STONE



05/MAR

9.30H-18H- "TUA WALKING FESTIVAL"| SEMINÁRIO SOBRE PEDESTRIANISMO. AUDITÓRIO ADELINA CAMPOS

ANIMAÇÃO ITINERANTE - GENTLEMAN FLOWER E AMIGA DAS ANDAS

21:30H- JORGE GUERREIRO

00:00H- DJ DEEPER



11/MAR

9:30H - "TUA WALKING FESTIVAL"| PASSEIO PEDESTRE ROTAS HOMOLOGADAS

ANIMAÇÃO ITINERANTE - DUPLA DE ANDAS: BUTTERFLY E O JARDINEIRO

14H- GRUPO DE CAVAQUINHOS COM CORDAS

14:30H- RANCHO FOLCLÓRICO DE FREIXIEL

15:30H- MUSIC TEAM



12/MAR



**Inovação
Qualidade**

www.sol.sapo.pt



PÓVOA DE LANHOSO



“Foi um primeiro ano em que resolvemos muitas situações e suprimos inúmeras necessidades em todas as freguesias, junto das instituições e munícipes do concelho”

“Conseguimos tornar os serviços municipais mais preparados e eficazes, dotando-os com recursos humanos, técnicos e equipamentos para podermos ter outra capacidade de resposta às solicitações do dia-a-dia”

“Seja qual for a iniciativa levada a cabo, o objetivo da autarquia será sempre promover a qualidade de vida e assegurar que as pessoas são felizes, realizadas e se sentem bem na Póvoa de Lanhoso”

Frederico Castro,
Presidente da Câmara Municipal
da Póvoa de Lanhoso:



Frederico Castro, Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso

“A nossa grande prioridade, a bem da coesão social, é passarmos de 53% para mais de 90% de cobertura de saneamento básico”

Ao final de um ano de exercício autárquico por parte da sua equipa, o que mudou na Póvoa de Lanhoso?

Creio que mudou, essencialmente, a sensibilidade de uma equipa autárquica para perceber as dificuldades e problemas das pessoas. Essa sensibilidade traduziu-se numa maior capacidade de diagnóstico e foi o ponto de partida para conseguirmos incrementar a capacidade de resposta para a resolução dessas situações.

Encontrámos uma realidade empresarial pouco confiante relativamente a perspectivas de futuro e carente de apoio municipal, contexto semelhante ao institucional e até familiar, e trabalhámos múltiplas vertentes no sentido de tornarmos os serviços mais eficazes. E fizemo-lo durante um primeiro ano em que os meios e recursos da autarquia não eram os mais desejáveis.

A título de exemplo, tentámos logo no início do mandato dilatar um compromisso que existia, no âmbito dos contratos interadministrativos com várias instituições, nomeadamente as juntas de freguesia, que tinham um prazo de cumprimento relativo aos 12 meses de 2022, e isso foi-nos reprovado pela Assembleia Municipal, onde não temos maioria.

Tentámos também aprovar um mapa de pessoal, que tinha em vista o reforço dos meios da autarquia em algumas áreas, que foi igualmente chumbado na Assembleia Municipal, sendo que, pela primeira vez, a Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso não teve um mapa de pessoal...

Entretanto, tivemos de cumprir os contratos interadministrativos, em prazos evitáveis e num montante de quase dois

milhões de euros, valor que poderíamos ter canalizado para investimentos noutras áreas.

Independentemente disso, neste primeiro ano, apesar dos constrangimentos, conseguimos tornar os serviços municipais mais preparados e eficazes, dotando-os com recursos humanos, técnicos e equipamentos para podermos ter melhor capacidade de resposta às solicitações do dia-a-dia.

Este foi um ano que nos trouxe desafios adicionais, relacionados com o processo de delegação de competências que, desde abril de 2022, temos vindo a assumir nas áreas da educação, da ação social e da saúde. E foram desafios que nos elevaram para um patamar mais exigente de capacidade de resposta.

Em suma, diria que este primeiro ano correspondeu a um período de cooperação com as instituições, de grande sensibilidade para os reais problemas que existem no concelho e de capacitação dos meios da Câmara Municipal para podermos estar à altura das soluções que é necessário oferecer quando surgem determinados problemas no dia-a-dia. E são muitos... Foi um primeiro ano em que resolvemos muitas situações e suprimos inúmeras necessidades em todas as freguesias, junto das instituições e dos municípios.

E que ciclo inaugura neste segundo ano de mandato?

Neste segundo ano, teremos seguramente uma capacidade de investimento mais robusta, o que nos permitirá obter um índice de resolução de problemas superior ao que alcançámos em 2022.

Recentemente, aprovámos o plano e orçamento da Câmara Municipal, já temos o mapa de pessoal e procuraremos re-



forçar a nossa capacidade para colmatar necessidades, sem recorrer a contratos de prestação de serviços, abrindo alguns concursos públicos. A par disso, também aprovámos financiamentos que nos auxiliarão a implementar a capacidade de investimentos no terreno. Preparámos o plano e orçamento de 2023 juntamente com todos os Presidentes de Junta do concelho e não existe nenhum investimento, obra ou iniciativa a concretizar em nenhuma freguesia que não tenha sido acordada com a respetiva Junta.

Este é um aspeto diferenciador, porque eu sou do tempo em que se decidiam investimentos sem a Junta de Freguesia ser tida nem achada. E há outro fator diferenciador a relevar, relativamente a práticas passadas: o concelho é composto por 22 Freguesias e União de Freguesias e iremos efetuar investimentos em todas elas.

O quadro do Portugal 2030 apresenta eixos diferenciados relativamente ao anterior quadro, que não terá sido devidamente aproveitado pelo seu antecessor... quais são os eixos prioritários para a Póvoa de Lanhoso e aqueles a que poderá recorrer no âmbito do novo plano?

O Portugal 2030 apresenta eixos diferentes, porque também os tempos, a realidade e as necessidades são diferen-

tes. A Póvoa de Lanhoso, infelizmente, continua a ter necessidades que seriam mais enquadradas no Portugal 2020. Ainda assim, uma das nossas grandes prioridades para este mandato continua a ser a via circular urbana, que não tem enquadramento no Portugal 2030 e esse é um projeto que estamos a trabalhar junto das entidades competentes e relativamente ao qual temos boas expectativas.

Ainda no que diz respeito ao Portugal 2030, a grande prioridade tem a ver com as infraestruturas de saneamento. Precisamos de assegurar que a Póvoa de Lanhoso sai da cauda dos municípios que ainda têm infraestruturas do século passado no que respeita à rede de saneamento. Estamos ao lado de concelhos como Braga, que tem 100%, ou de Guimarães, que se aproxima dessa cobertura, ao passo que nós temos 53%. É dramático!

Temos trabalhado em conjunto com a Águas do Norte e a Águas de Portugal no sentido de assegurar um mecanismo de financiamento que nos permita executar o plano que estamos a ultimar e que visa alcançar uma taxa superior a 90% de cobertura de saneamento, mas isso pressupõe duas coisas: tempo e dinheiro.

O tempo é o que temos no âmbito do nosso mandato, os fundos estão disponíveis e direcionados para água e saneamento no seio do Portugal 2030 e temos fortes expectativas quanto a assegurar que a Póvoa de Lanhoso seja priorizada, tendo em vista um chavão muito usado

em política, mas que nem sempre se reflete na prática, que é a coesão territorial. Se pretendemos que todos os portugueses tenham acesso ao mesmo nível de serviços, independentemente do concelho em que habitam, temos de dar passos no sentido de aproximar aqueles que se encontram em situações mais débeis, em aspetos como este, daqueles que se encontram mais bem equipados. Não me resigno à ideia de continuarmos a ter quase 50% do território sem uma infraestrutura básica necessária e digna para que a qualidade de vida dos habitantes esteja assegurada.



Temos ainda outros objetivos relevantes, nomeadamente em áreas como o turismo ou o desporto. A Póvoa de Lanhoso carece há muito tempo de investimento em infraestruturas nestes domínios e pretendemos aproveitar esta oportunidade para nos posicionarmos de forma a sermos contemplados enquanto município que necessita e merece ser priorizado.

Ao longo do ano passado, a nossa equipa teve a oportunidade de testemunhar um vasto programa municipal de oferta cultural e de lazer, o que trouxe muita gente à Póvoa de Lanhoso e satisfaz os anseios da comunidade local... era também uma das suas prioridades colocar o concelho no mapa?

Era e continua a ser! Até 2021, a referência ao nível dos eventos da Póvoa de Lanhoso era o S. José. Continua e é bom que continue a sê-lo, até por se tratar da primeira grande romaria do ano, mas entendi que precisávamos de fazer mais, de implementar novas ideias, de desenvolver eventos e iniciativas que ajudem a aproximar a população local e a atrair mais gente, de múltiplas áreas. Recentemente, tivemos o Mercado de Oportunidades, que juntou empresas e cidadãos do nosso mercado empresarial concelhio. Falo de um evento de que resultaram inúmeros contactos, que irão seguramente beneficiar, não apenas desempregados, mas igualmente pessoas no ativo que, sendo deste modo desafiadas a refletir perante a oferta de novas oportunidades, poderão vir a assumir um caminho profissional diferente e mais atrativo para as suas vidas. Também nesse âmbito, criámos o Gabinete de Apoio à Empregabilidade que, em conjunto com o Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Económico, promoveu este grande evento, em que

tivemos 17 entidades, entre empresas e IPSS do concelho, 78 ofertas de emprego e 204 currículos entregues.

E, indo de encontro à sua questão, este tipo de iniciativas traz à Póvoa de Lanhoso, não só oportunidades para a população local melhorar a qualidade de vida, mas atrai igualmente muita gente, empresas e instituições, de fora. A economia local, o tecido empresarial, as pessoas que vivem cá,

as famílias, a Autarquia... Todos ganhamos com isto. Seja qual for a iniciativa levada a cabo, o objetivo da Autarquia será sempre promover a qualidade de vida e assegurar que as pessoas são felizes, realizadas e que se sentem bem na Póvoa de Lanhoso. Que gostam de estar cá, de viver cá, de trabalhar aqui, de passear, visitar os amigos ou jantar fora, de ir às compras, à feira ou à Praça...



Oferta cultural

“O fenómeno cultural, ao contrário do que tem sido por vezes a tendência de alguns governantes, tem de ser protegido, preservado e acarinhado. Uma sociedade sem bases culturais fortes é frágil. É fundamental assegurarmos que a nossa vida flui do ponto de vista económico-financeiro, mas somos muito mais do que isso. O que realizámos no período de verão, através do Póvoa em Festa, ou no final do ano, com o programa Natal na Praça, trouxe à Póvoa de Lanhoso uma oferta inovadora. Proporcionámos conteúdos de animação com ofertas diferenciadas e tivemos programas muito ricos e intensos que deram palco e visibilidade aos inúmeros agentes concelhios, como ranchos folclóricos, grupos corais e teatrais, IPSS, centros de convívio, empresas..., o que trouxe à vida das pessoas algo que nunca tinham vivido na Póvoa de Lanhoso.

Com isto, estamos a enriquecer o conceito que cada um interioriza sobre o concelho e a colocá-lo no mapa, com ofertas diferenciadas e apelativas. Precisamos de criar essas referências e creio que, tendo sido o ano 2022 um bom primeiro passo, 2023 será um ano de consolidação de algumas iniciativas e de surgimento de novas.

Já temos projetados eventos, que iniciaremos ainda antes do verão e que se prolongarão após a estação, destinados a todas as faixas etárias e que irão trazer muitos dividendos na prossecução do objetivo que antes referi: promover a felicidade e bem-estar das pessoas que cá vivem e das que nos visitam. Teremos um calendário de eventos anuais que pretendemos que se vão afirmando, fortalecendo e consolidando com o passar dos anos.

Não sendo propriamente um novato nestas lides, e tendo já sido candidato à presidência, mudou muito na sua vida desde que assumiu a função de

edil?

Sim, mudou! Mudou muito! Ainda procuro insistentemente não defraudar as expectativas daqueles que sempre estiveram ao meu lado... Fui candidato três vezes à Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso. Em 2013, fiquei a 10%; em 2017, fiquei a 1%. Ninguém quer perder, seja no que for, mas o facto de, por vezes, não ganharmos também nos ajuda a perceber com quem contamos ou não. Chegar a estas funções com esse capital de experiência permite-me, também, perceber muito bem quem está comigo e quem está com o Presidente da Câmara Municipal. São coisas diferentes. Lido com todos da mesma forma, com o mesmo respeito, prontidão e disponibilidade, mas o Presidente é uma coisa e o Frederico Castro é outra.

Irei continuar a fazer essa separação e distinção entre a minha responsabilidade política e a minha vida e afazeres pessoais. A minha vida mudou muito mas, no essencial, há coisas que nunca poderão mudar, porque são a base de tudo. Portanto, no que respeita à família e aos amigos, não estive tão presente quanto gostaria de ter estado, mas é um cuidado que teremos que ter sempre e tento fazer por isso. Amanhã de manhã, sábado, irei com o meu filho, que joga nas escolinhas, ao futebol, porque gosto e faço questão. Ao longo da vida já fui muitas coisas, tal como todas as pessoas, mas o que mais gosto de ser é pai e, por nada deste mundo, abdicarei disso.

A sua cadeira de sonho é esta ou a de casa?

A minha cadeira de sonho é onde a minha responsabilidade me chamar, até porque há horas em que não podemos estar onde queremos, temos de estar onde temos de estar. Apesar de ser difícil, é possível. O segredo é compatibilizar as duas vertentes.





PÓVOA
DE LANHOSO
Município

FESTAS DE S. JOSÉ 2023

04 A 19 MARÇO
PÓVOA DE LANHOSO



SÁB | 04 MARÇO

12H00
ABERTURA DAS FESTAS
DE S. JOSÉ 2023
SALVA DE MORTEIROS

12H00
BOMBADELA
GRUPO DE PERCUSSÃO DE VILELA

14H00
XXI GRANDE PRÉMIO DE TIRO
AO PRATO DE S. JOSÉ
Local: Campo de Tiro (UF, Fontarcada e Oliveira)
Clube de Caçadores da Póvoa de Lanhoso

15H00
GRUPO DE CAVAQUINHOS
DA ASSOCIAÇÃO EM DIÁLOGO
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

16H00
GRUPO DE CAVAQUINHOS DA
UNIVERSIDADE SÊNIOR ROTARY
CLUB DA PÓVOA DE LANHOSO
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

21H30
ATÉ QU'ENFIM
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

04 A 19 MARÇO
III CONCURSO DE
MONTRAS DE S. JOSÉ
Estabelecimentos aderentes

DOM | 05 MARÇO

10H00
XXI GRANDE PRÉMIO DE TIRO
AO PRATO DE S. JOSÉ
Local: Campo de Tiro (UF, Fontarcada e Oliveira)
Clube de Caçadores da Póvoa de Lanhoso

10H30
ANIMAÇÃO INFANTIL
OS DOIS COMPASSOS
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

14H00
ENCONTRO DE CONCERTINAS
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

14H30
II ENCONTRO DE XADREZ
DE S. JOSÉ
Local: Espaço Jovem

MAIS INFORMAÇÃO:
 www.povoadelanhoso.pt

SEX | 10 MARÇO

21H30
II ENCONTRO DE COROS JUVENIS
Local: Igreja Românica de Fontarcada
Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio
Conservatório de Música de Barcelos

22H00
DAVIMÚSICA
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

23H30
O.BRA - BANDA MPB
BAILE BRASILEIRO
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

SÁB | 11 MARÇO

10H30
ANIMAÇÃO INFANTIL
O REINO ENCANTADO
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

15H00
CANTARES AO DESAFIO
NATY E PÊGA
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

16H00
TODY MOREIRA
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

17H00
CORRIDA DE S. JOSÉ
Partida: Piscina Municipal Cobeira
Grupo Desportivo da Comá

21H30
CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO
XVIII CONCURSO NACIONAL DE
TEATRO - RUY DE CARVALHO
Local: Theatre Club

21H30
BAILANOITE
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

23H30
LEIRBAG
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

11 MARÇO
TROFÉU DE S. JOSÉ
Sociedade Columbófila
da Póvoa de Lanhoso

DOM | 12 MARÇO

09H00
CAMINHADA DE S. JOSÉ
Ponto de encontro: Praça Eng.º Armando Rodrigues

09H00
CONCENTRAÇÃO DE MOTAS CLÁSSICAS
Local: Paços do Concelho

10H00
CONCENTRAÇÃO DE CAROCHAS
Local: Campo da Felra

15H00
CORTEJO HISTÓRICO DE S. JOSÉ
MONTE DE LANHOSO, A OCUPAÇÃO HUMANA
EM MILÉNIOS DE HISTÓRIA
Local: Arterias da Vila

17H00
CHEGA DE BOIS
Local: Parque do Pontido

17, 18 E 19 MARÇO
FIM DE SEMANA GASTRONÓMICO
Cabrito à S. José & Rochas do Pilar
Estabelecimentos aderentes
MOSTRA DE ARTESANATO E
PRODUTOS REGIONAIS DE S. JOSÉ
Praça Eng.º Armando Rodrigues

SEX | 17 MARÇO

21H00
ABERTURA DA EXPOSIÇÃO
"TEMPOS DE FESTA"
Local: Galeria de Exposições do Theatre Club

21H30
HÉLDER BAPTISTA
MOTARD DA CONCERTINA
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

22H30
TIAGO BARBOSA
Local: Paços do Concelho

23H00
PAKOTES CONVIDA MALABÁ E DJ SLIM
Local: Parque do Pontido

00H15
DJ MARINHO
Local: Parque do Pontido

SÁB | 18 MARÇO

08H00
SALVA DE MORTEIROS

10H30
ANIMAÇÃO INFANTIL
AS MÚSICAS DO PROFESSOR CARLOS
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

15H00
TARDE DE FOLCLORE
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues
Rancho Folclórico de Santa Maria de Verim
Rancho Folclórico de Carle
Rancho Folclórico Maria da Fonte de Fontarcada
Rancho Folclórico da Porto D'Ave - Taide
Rancho Folclórico da Póvoa de Lanhoso

SÁB | 18 MARÇO

NOITE SOLIDÁRIA
ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS DEFICIENTES
VISUAIS DO DISTRITO DE BRAGA

21H30
OS PEGAS
Local: Praça Eng.º Armando Rodrigues

22H30
ZECADEGAS
Local: Paços do Concelho

23H00
DJ 'S RUI & CIRILO ft SINA KEY
Local: Parque do Pontido

00H00
GRANDIOSA SESSÃO
DE FOGO DE ARTIFÍCIO

00H15
DJ RUY VERCETTI
Local: Parque do Pontido

02H00
DJ KARDO
Local: Parque do Pontido

DOM | 19 MARÇO

08H00
SALVA DE MORTEIROS

09H00
FEIRA FRANCA DE S. JOSÉ

09H00
CONCURSO PECUÁRIO E FEIRA DE CAVALOS
Cooperativa dos Produtores Agrícolas Póvoa de Lanhoso

09H30
XXXVII CONCURSO DE PESCA DESPORTIVA
Local: Pista de Pesca de Sto. Emílio
Secção de Pesca - SC Maria da Fonte

09H30
ENTRADA DA BANDA DE MÚSICA
DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
DA PÓVOA DE LANHOSO
Local: Paços do Concelho

10H00
HASTEAR DA BANDEIRA
Local: Paços do Concelho

11H00
MISSA SOLENE EM HONRA DE S. JOSÉ

14H45
ENTRADA DA BANDA MUSICAL DE CALVOS

15H00
MAJESTOSA PROCISSÃO EM
HONRA DE S. JOSÉ
Local: Arterias da Vila

17H30
CONCERTO DE BANDAS FILARMÓNICAS
Local: Paços do Concelho

21H00
ENCERRAMENTO DAS
FESTAS DE S. JOSÉ 2023
SESSÃO DE FOGO DE ARTIFÍCIO

Evento com transmissão ao vivo através da página
de facebook do Município
[municipalpoavodelanhoso](https://www.facebook.com/municipalpoavodelanhoso)



FEIRA DA AMENDOEIRA EM FLOR 2023

25 FEV. A 12 MAR. ESPAÇO MULTIUSOS

25 FEV | 11h00 - Abertura / Inauguração da Feira
15h00 - Programa Rádio Brigantia - DIRETO A PARTIR DA FEIRA
21h00 - Festival de Tunas Académicas
22h30 - Atuação de **"QUIM BARREIROS"**
Todo o dia - Gaiteiros Rolezes

26 FEV | 14h00 - 12º Encontro de Futebol A.F. Bragança Petizes e Traquinas
14h30 - Atuação de GodiBombos
16h00 - Show-Cooking com **Óscar Geadas (Estrela Michelin)**

04 MAR | 10h00 - Caminhada da Amendoeira em Flor
14h00 - Torneio da Pelota
22h30 - Atuação de **"CALEMA"**

05 MAR | 10h00 - Torneio da Raiola
14h00 - Torneio da Malha

11 MAR | 08h00 - Passeio TT Santo António - Lagoaça
10h00 - Passeio de Motas e Motorizadas
16h00 - Free-Style JAQUE STUNT NH-PINA
22h30 - Atuação de **"ANJOS"**

12 MAR | 10h00 - Passeio de Carros Clássicos
18h00 - Encerramento da Feira

TODOS OS DIAS DA FEIRA

- Exposição de Carros
- Exposição de máquinas agrícolas
- Feira Franca
- Exposições e Stands
- Espaço de Restauração

FREIXO DE ESPADA À CINTA




Freixo de Espada à Cinta

Feira da Amendoeira em Flor atrai milhares de visitantes a Freixo de Espada à Cinta

A Feira da Amendoeira em Flor de Freixo de Espada à Cinta arrancou esta manhã, sob o olhar atento de centenas de convidados e público que assistiu à inauguração deste certame, numa cerimónia presidida pela Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa. Mais uma vez, ficou patente o caminho que está a ser traçado com sucesso para transformar Freixo de Espada à Cinta em "Capital da Amendoeira em Flor", sendo estes eventos essenciais para a promoção dos territórios e seus produtos endógenos, atração de turismo e investimento para o desenvolvimento da economia local, através de dinamismo e posicionamento estratégico. O Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta, Nuno Ferreira, debruçou-se sobre a necessidade de afirmação do território através do aproveitamento das potencialidades do interior, assim como da implementação de projetos como o Ensino Secundário Profissional, e a valorização da Seda, ex-libris local, que estará presente na edição deste ano do Portugal Fashion. Também a questão dos nómadas digitais e o desafio de transformar o concelho em Zona Franca, como a ilha da Madeira, foram abordados neste discurso, que apresentou Freixo de Espada à Cinta como território onde se pode aliar o tradicional ao vanguardista, sempre em prol do progresso e desenvolvimento do concelho. Na sua intervenção, a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, afirmou que é necessário continuar a trabalhar de forma proativa na valorização dos territórios do interior, onde de devem ser implementadas mais políticas de proximidade, num esforço conjunto entre as autarquias e o Governo. Assinalou, ainda, as políticas autárquicas que têm vindo a ser implementadas em Freixo de Espada à Cinta, exemplo de sucesso no interior, marcado por grande dinamismo estratégico. A Feira da Amendoeira em Flor decorre ao longo de três fins de semana - 25/26 de fevereiro, 04/05 e 11/12 de março - e é um evento âncora do Douro Cidade Europeia do Vinho 2023.



Nuno Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta

“Estamos a meio do mandato e temos o programa eleitoral praticamente concluído”

Mais uma edição da Feira da Amendoeira com uma enorme afluência... o epíteto de Capital da Amendoeira parece ser, afinal, possível...

Exatamente, a edição anterior foi projetada no sentido de este ano sermos a Capital da Amendoeira em Flor. Este ano, Freixo de Espada à Cinta é claramente a capital da amendoeira em flor, a par de outros municípios que estão a desenvolver um excelente trabalho nesse âmbito, quer na divulgação da Amendoeira em Flor, como é o caso da Douro Superior, e falo concretamente dos municípios de Vila Nova de Foz Côa e de Figueira de Castelo Rodrigo.

No caso concreto de Freixo de Espada à Cinta, trata-se de uma aposta clara deste executivo. Este ano, elevámos ainda mais o patamar, são mais de 80 os expositores que marcam presença, oriundos dos diversos pontos do país e, acima de tudo, oferecemos mais um contributo quanto à promoção dos nossos produtos endógenos. Freixo de Espada à Cinta é hoje, de facto, a capital da amendoeira em flor, desde logo pelas suas deslumbrantes paisagens. Aliás, estamos agora a chegar de uma caminhada, um dos eventos integrantes da edição deste ano, que cativou a participação de mais de 200 pessoas. Só de Salamanca, veio um autocarro com 47 pessoas, quando no ano passado vieram 14, o que demonstra bem o investimento que está a existir. O primeiro fim-de-semana já havia sido apoteótico, quer com as tunas académicas, quer com o Quim Barreiros e toda a envolvência, com o Óscar Geadas, estrela Michelin a promover uma degustação dos produtos endógenos e 700 pessoas no estádio municipal a participarem num torneio da Associação de Futebol de Bragança; neste segundo fim-de-semana, começámos em grande com a caminhada, de tarde temos o torneio da pelota, um reavivar de tradições, com apuramento para o campeonato do mundo e, à noite, teremos os Kalema. Amanhã, continuaremos com os jogos tradicionais e tudo isto demonstra bem o forte investimento do município em homenagear as suas tradições e a nossa identidade, que tanto nos orgulha. No próximo fim-de-semana, iremos terminar a Amendoeira em Flor em beleza, porque será o evento âncora da Cidade Europeia do Vinho 2023 e haverá aqui degustação de vinhos de toda a CIM Douro, uma homenagem aos vitivinicultores destes 19 concelhos que trabalham verdadeira



e afincadamente a terra. Aliás, o Douro, hoje, não é uma moda mas já uma certeza e estamos cada vez mais a potenciar isso através do tra-

-de-semana, haverá também uma degustação de queijos, um passeio de motos, de todo-o-terreno e de clássicos e terminaremos em grande com o concerto dos Anjos. Ao longo destes três fins-de-semana, procurámos privilegiar o passado, o presente e o futuro. Este executivo pauta-se por respeitar o passado, trabalhar o presente e projetar cada vez mais o futuro de Freixo de Espada à Cinta que atingiu já um pata-

agrícola, que representa 80%, com a turística, que representa 20%, o que totaliza um conjunto de 100%, mas diria que Freixo não está a 100 mas a 1000%, rumo ao futuro e ao desenvolvimento. **Chama-se a isto promover a coesão social...** Coesão social e coesão territorial. No fim-de-semana passado, lançámos o desafio à Sra. Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa,

mundo académico, nomeadamente o Instituto Politécnico de Bragança e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no sentido de trabalharmos em conjunto num documento que permita colocar Freixo de Espada à Cinta como uma zona franca. Temos exemplos, como a Madeira que, em 1980, foi zona franca, em 1986 o decreto-lei foi alterado para isso mesmo e hoje a Madeira é o que é, sobejamente conhecida

população e empresas e que não se dependa apenas do município para a criação de empregos, daí que estejamos plenamente empenhados nesta criação da zona franca. É um caminho longo mas que não é impossível. Aliás, recordo que se dizia que o ensino secundário profissional não seria uma realidade em Freixo e, hoje, é uma realidade, já com alunos oriundos de Cabo Verde; recordo também que as consultas gratuitas existem mensalmente nas diferentes especialidades. E não é por estarmos no interior do país que não podemos desenvolver políticas proativas e, sobretudo, praticar o interior. É o que este executivo tem feito na sua plenitude, afirmando o nosso concelho com muito orgulho a nível nacional e internacional, projetando-o nos diversos certames, como a Fitur ou a BTL, no Dubai ou em Valhadolid e em diversas feiras realizadas à nossa volta. A nossa seda, cujo processo de certificação está a ser culminado, foi recentemente convidada para marcar presença no Portugal Fashion; ganhámos o prémio Autarquia do Ano... o caminho faz-se caminhando e é este que estamos a trilhar com transparência, rigor e seriedade.

Pelo que temos vindo a testemunhar, do programa eleitoral que apresentou pouco lhe resta cumprir... o que restará fazer até ao final do mandato?

Sempre projetar Freixo de Espada à Cinta para o futuro. Cada vez mais, a política tem que ser feita com seriedade, rigor e palavra. Apresentámo-nos aos eleitores com toda a seriedade e transparência, com o nosso programa eleitoral, que define o que pretendemos fazer ao longo destes quatro anos. De facto, estamos a meio do mandato e temos o programa praticamente concluído. Aliás, fomos mais além: conseguimos já assinar um protocolo com o governo que resultará num investimento de 4,5 milhões de euros mais 1,5 milhões de forma indireta para execução nos próximos três anos. O programa de acessibilidades está a arrancar a toda a força e beneficiará todas as freguesias do concelho, tal como outras obras, nomeadamente a reabilitação da Misericórdia, a segunda fase da Praia Fluvial da Congida, piscinas em duas freguesias, colocação de balanças agrícolas nas freguesias... tudo isto será cumprido já este ano porque nos focamos na palavra e esta não tem preço para este executivo.



mar superior, como bem tem acompanhado ao longo do tempo que vem cá, é falado por bons motivos e cada vez mais alicerçamos a parte

de se criar uma zona franca nos territórios transfronteiriços e é nesse sentido que, logo após a Amendoeira em Flor, iremos também desafiar o

com os benefícios fiscais que existem. Queremos potenciar cada vez mais a empregabilidade e o desenvolvimento territorial, atrair e fixar



RESORT | AQUA FUN PARK | SPA LÚDICO | MEETING CENTER



HOTEL | BAR INGLÊS | RESTAURANTE REGIONAL

GOLDEN HALL

ALAMBIQUE MEETING CENTER

Salão multiusos (1.078 m²) com capacidade para mil pessoas sentadas. Funcional para Congressos, Exposições ou espectáculos. Mais três salões de trabalho e eventos que podem ser utilizados para eventos autónomos ou apoio ao salão principal. Tecnologia Altice.



GOLDEN ROCK

ALAMBIQUE WATER SPA

Uma majestosa revolução no destino Serra de Estrela. Piscinas climatizadas, saunas e banhos turcos, jacuzzis suspensos, hamman, duches Vichy, cabine de neve e fonte de gelo, salas de massagens, salas de repouso com marquês aquecidas e camas de água. Um Espaço de 2.500 m² dedicados ao prazer e à evasão de qualquer problema. Único no país.

SOLUÇÕES PARA

Famílias & Empresas

BAR INGLÊS



SUITES PREMIUM



RESTAURANTE REGIONAL





**Inovação
Qualidade**

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ALMEIDA:

Uma âncora num interior desertificado

*“Dá prazer verificar
que a instituição vai
tendo uma avaliação
positiva pela grande
maioria dos familiares
e utentes que por cá
passam”*

Carlos Alberto Pereira
Provedor

*“A humanização dos
cuidados, a par da
prestação de cuida-
dos com qualidade,
rigor e transparência é
fundamental”*

Sílvia Saraiva
Coordenadora Geral

A CASA DA MISERICÓRDIA DE



“O nosso objetivo é que os utentes se sintam o mais possível em casa”

Guiados pelo Provedor Carlos Alberto Pereira e pela socióloga, tesoureira e coordenadora geral, Sílvia Saraiva, visitámos uma das mais antigas misericórdias do país. Em Almeida, concelho do interior, agastado pelo fenómeno do desemprego e da crescente desertificação, uma espécie de âncora vai teimando, década após década, em contrariar uma tendência que, muitos adivinham, poderá mesmo levar à extinção da população local. Obviamente, as dificuldades financeiras com que a Santa Casa da Misericórdia de Almeida são reais mas, ainda assim, a obra notável que tem vindo a fortalecer, fala por si, mesmo sem a mais do que merecida adoção de políticas de discriminação positiva, que teima em tardar. Atualmente, a instituição emprega 91 funcionários e serve 140 utentes, sendo a maior empregadora do concelho, e oferece como valências uma creche, serviço de apoio domiciliário, estruturas residenciais para idosos e uma unidade de cuidados continuados de longa duração e manutenção. E a pertinência destas estruturas reflete-se na sua lotação, invariavelmente esgotada. Recentemente, a mesa liderada por Carlos Alberto Pereira sujeita a sufrágio e foi renovada a confiança, numa equipa entretanto renovada e que se diferencia também pela juventude. Registámos a visão do atual timoneiro da instituição, o Provedor Carlos Alberto Pereira e de Sílvia Saraiva, tesoureira.

Após terem sido reconduzidos para mais um exercício ao leme da instituição, que programa pretendem levar a cabo nos próximos anos?

Carlos Alberto Pereira – Será, acima de tudo, um exercício de continuidade face ao trabalho que vínhamos a desenvolver, nomeadamente garantindo que a Santa Casa da Misericórdia de Almeida consegue ser uma instituição sustentável. Temos uma dívida significativa contraída junto

da banca que temos vindo a reduzir ao longo do tempo e cuja amortização temos vindo a cumprir com todo o rigor, o que não deixa de constituir uma forte barreira porque sabemos que uma parte significativa do nosso orçamento mensal se encontra previamente destinada e, obviamente, isso limita a nossa ação. De qualquer forma, estamos hoje muito mais próximos da desejada sustentabilidade, não obstante a aposta de direções anteriores na Unidade de Cuidados Continuados que, embora considere pertinente, nos trouxe alguns dissabores a nível financeiro. A verdade é que o financiamento relativo a participações não cobre, de forma

alguma, a despesa relacionada com esta estrutura, mas, ainda assim, fruto de uma considerável “ginástica financeira”, conseguimos atingir praticamente o equilíbrio, o que nos permite agora projetar a contínua melhoria das condições dos serviços prestados aos utentes. Estamos em fase de licenciamento de uma nova sala, com cerca de 120 m², para usufruto e convívio dos utentes na nossa maior ERPI e pretendemos ainda reabilitar um espaço contíguo à ERPI e à UCC para dar origem a um armazém.

Dra. Sílvia Saraiva, presumo que, numa instituição que se depara com inúmeras barreiras

financeiras, com escassez de apoios por parte do estado, e num território “esquecido” a missão de assumir a tesouraria não seja propriamente fácil...

Sílvia Saraiva – Tem sido uma missão difícil, até devido aos constrangimentos que o Sr. Provedor referiu. Neste último mandato, que também exerci como tesoureira, fizemos um esforço muito significativo. Além das despesas no âmbito da Covid-19, tínhamos uma dívida muito significativa à banca relativa a um financiamento de 1,5 milhões de euros a quatro anos que, atualmente, se cifra em cerca de 900 mil. Assumimos esse compromisso, temos feito



um grande esforço quanto à redução das despesas, temos ainda o desafio relacionado com o aumento salarial... e são 91 os nossos trabalhadores, distribuídos por um enorme conjunto de categorias, que vão desde um quadro qualificado muito pesado, com nove enfermeiros, dois médicos, três diretores técnicos, uma diretora pedagógica, nutricionista, encarregados, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, quatro cozinheiros e todo o pessoal operacional, que representa mais de 60% do total de custos da instituição. Temos quatro anos pela frente em que continuaremos a enfrentar este desafio, numa ótica de boa gestão, eficiente e sustentável. Já delineámos o nosso plano estratégico, que visa alguns eixos fundamentais como a melhoria de equipamentos, uma aposta nas competências, qualificação e motivação do pessoal, sendo que temos já cerca de 80% do pessoal profissional com curso de geriatria, e o reforço das parcerias que temos vindo a desenvolver, nomeadamente com os bombeiros voluntários e o centro de saúde. Relativamente à nova mesa, é renovada, temos pessoas mais jovens, capazes e idóneas.

Estamos perante uma instituição da qual depende a vida de cerca de 230 famílias, entre utentes e profissionais, isto num território desertificado... O que seria deste concelho sem a ação da Misericórdia?

Carlos Alberto Pereira – Estaria certamente muitíssimo pior do que atualmente está. No fundo, quem

emprega pessoas nesta terra é a Câmara Municipal e a Santa Casa, sendo esta a entidade privada com maior número de trabalhadores. **Acresce que, há já algum tempo, instituições como esta deixaram de ser meros “depósitos” de idosos... hoje, oferecem qualidade de vida e vida ativa aos utentes... nesse sentido, pergunto como é o dia-a-dia de um utente nesta instituição?**

Carlos Alberto Pereira – Talvez o número de idosos que temos com idade bastante avançada responda ao que me pergunta... Temos, por exemplo, uma senhora com 101 anos que caminha diariamente na rua, veste-se sozinha, faz questão de fazer a sua cama, não aparentando minimamente a idade que tem, entre muitos outros exemplos de utentes que aqui se sentem ativos e felizes...

Sílvia Saraiva - Na ERPI com 64 utentes, 26 têm acima dos 90 anos e seis acima dos 95. Neste momento, nessa infraestrutura, não temos uma única pessoa acamada. O nosso dia-a-dia é estimular para a marcha, estimular para o cadeirão, posicionamentos, movimento e a reatividade. Temos um plano de atividades aprovado, que contempla cronogramas de atividades semanais, que cumprimos até em articulação com outras instituições, como a autarquia, que promove passeios ao exterior a que aderimos. Diria que, antes da pandemia, as atividades eram mais diversificadas. Temos um auditório com capacidade superior a 100

atividades de exterior e de interior e devemos ser das poucas ERPI que disponibilizam apoio de fisioterapia, terapeuta ocupacional, animadora, cuidados de imagem, um capelão que celebra eucaristias e assistência religiosa individualizada, atividades de estimulação cognitiva, sensorial e motora, atividades físicas adaptadas em que privilegiamos o contacto com a natureza, temos saídas regulares... Acima de tudo, diria que a humanização dos cuidados é fundamental, tal como os afetos, e é isso que procuramos oferecer ao dia-a-dia do utente, a par da prestação de cuidados com qualidade, rigor e transparência.

Carlos Alberto Pereira – O nosso objetivo é que os utentes se sintam o mais possível em casa. E, para aqueles que têm total ou quase total autonomia, a ideia é que se sintam como num hotel.

O que os move para mais um exercício feito exclusivamente de altruísmo, ao serviço desta instituição?

Carlos Alberto Pereira – Por um lado, o facto de me sentir ainda capaz de



Santa Casa da Misericórdia de Almeida

dar o meu contributo que, modéstia aparte, acredito ser positivo. Por outro lado, confesso que também me dá um especial prazer verificar que a nossa instituição vai tendo uma avaliação positiva pela grande maioria dos familiares e utentes que por cá passam. Sou do concelho, gosto da terra, licenciiei-me em Medicina em 1978 e vim para aqui em 1982, onde



permaneci até hoje, sou um apaixonado pela região e tudo isso me leva a dar o meu contributo.

Sílvia Saraiva – Sou de um concelho próximo, licenciiei-me em Sociologia na Universidade de Coimbra e vim aqui iniciar a minha atividade profissional, pela primeira vez nesta área. Abracei com paixão o Setor Social, entretanto tirei especializações em gestão de unidade de saúde e em gestão de recursos humanos e fui tomando o gosto por esta área do envelhecimento. Orgulho-me em dizer que também contribuí com a minha parte para a evolução e o crescimento da instituição e para as melhorias que foram ocorrendo. Lutei enquanto trabalhadora, neste momento sou coordenadora geral e o desempenho é feito sempre com uma enorme dedicação à causa social. Realmente é uma paixão e, se assim não fosse, não estaríamos dedicados, quase noite e dia, à melhoria contínua dos processos. Creio ainda ser capaz de dar o meu contributo também pela dedicação, pelo zelo e pela preocupação, acima de tudo, face ao bem-estar dos utentes.



FUNDADA EM 1520

CONTINUAMOS PERTO DE
QUEM MAIS PRECISA...

DESTINE 0,5%

DO SEU IMPOSTO PAGO, PARA A SANTA CASA
DA MISERICORDIA DE

ALMEIDA

NA SUA DECLARAÇÃO DE IRS, PREENCHA

MODELO 3 > QUADRO 11 > CAMPO 1101 >

501 122 397

Casa do Conselheiro: a história continua a fazer-se em Freixo de Espada à Cinta



Com paisagens de cortar a respiração, o Douro Internacional e uma riqueza histórica e patrimonial ímpar, Freixo de Espada à Cinta afigura-se hoje como um dos segredos mais bem guardados e preservados de Portugal. Em plena zona histórica desta aconchegante vila manuelina, destaca-se um projeto turístico cujo enquadramento com esta envolvente edílica obriga a uma vista: a Casa do Conselheiro apresenta-se como um lugar de conforto e lazer, bem representativo da típica casa de arquitetura rural transmontana. A Casa do Conselheiro enquadra-se numa zona distinta do nordeste transmontano, uma eco região do Douro Internacional, onde a diversidade biológica não conhece fim.

A 140 metros dos principais monumentos históricos deste concelho com ímpares atrações (a Igreja Matriz, a Torre do Galo e inúmeras vielas e encruzilhadas podem ser calcorreadas a pé, sob os encantos de experiências de contactos com a afável população local estão a dois minutos de distância, a pé), esta casa de turismo rural é datada do século XV e marcada pela decoração rústica e singular, bem como pela tranquilidade que emana do espaço exterior, um contexto edílico que nos permite vivenciar a natureza transmontana em todo o seu esplendor. Mantém as características originais, como a fachada de estilo judaico e um interior rústico, que parece irradiar vida quando a luz natural percorre cada canto. Lá fora, a calma, que nos convida às melhores experiências, num conceito de slow tourism em que reina um espaço rodeado por recantos, onde a natureza se afirma e faz transparecer a quietude de uma casa de campo.

A operar na região desde julho de 2015, a unidade, outrora pertença de um juiz conselheiro, possui quatro quartos, cujas designações foram atribuídas de acordo com a sua mobília, também harmoniosamente enquadrada no conceito de casa de campo e de espaço histórico. Desde então, tem sido procurada predominantemente por hóspedes portugueses, espanhóis, holandeses, canadianos, alemães e brasileiros... que aqui procuram vivências bem diferenciadas... Também bem perto, temos o Museu da Seda e do Território, a Praia Fluvial da Congida ou o Miradouro de Penedo Durão, ex-libris que o marcarão para toda a vida, a par de uma gastronomia ou de uma agenda de eventos de lazer de fazer corar qualquer outro destino... Aventure-se!



Uma estadia de sonho à distância de um clique

Agora, é ainda mais fácil encontrar e reservar a sua escapadinha de sonho... A Casa do Conselheiro acaba de criar um novo espaço online para tornar a sua escolha muito mais clara e simples. Tudo o que perspeti-

vou para uma estadia de aventura, lazer ou simples descanso encontra-se agora à distância de um clique, com inúmeras opções à escolha. <https://www.casadoconselheiro.pt> é o caminho... não há desculpa!

Que desculpa vai agora encontrar para não se aventurar?

Contactos:
Casa do Conselheiro
Rua das Moreirinhas, 68
5180-142 Freixo de Espada à Cinta
+351 915 550 362

geral@casadoconselheiro.pt
www.casadoconselheiro.pt
<https://www.facebook.com/Casa-do-Conselheiro-1613050568935563>
Reservas: www.casadoconselheiro.pt
<https://www.booking.com>

Inovação
Qualidade



www.sol.sapo.pt

COOPERATIVA AGRÍCOLA DO TÁVORA



“A região do Távora-Varosa é conhecida pela excelência dos seus vinhos de base espumante”

“Produzimos anualmente 10 mil toneladas de maçã, outro ex-libris desta região”

João Silva

Presidente da Cooperativa
Agrícola do Távora



Cooperativa Agrícola do Távora

O vinho “escrito” pelo mestre português Aquilino Ribeiro e um pecado original, a maçã...

São dois dos maiores ícones distintivos do solo português os produtos nobres que nascem, crescem e chegam às nossas mesas a partir da Região Demarcada do Távora-Varosa. É verdade que a denominação não sobressai à primeira leitura mas, se falarmos em fatores distintivos como a marca Terras do Demo, que despertam memórias de Aquilino Ribeiro, ou na primeira região demarcada de espumantes do país, certamente despertarão os mais exigentes sentidos... Se a estes ex-líbris juntarmos a rainha do pomar local, a maçã – com a devida vénia à “Bravo de Esmolfe” - não nos resta senão rendermo-nos a uma terra que promete fazer das nossas mesas verdadeiros tesouros... Tesouros que a Cooperativa Agrícola do Távora faz nascer e crescer em condições de excelência, face a um audaz investimento realizado, ao longo dos últimos anos, que a colocou a par da melhor oferta existente ao nível tecnológico e científico. Dadas as suas condições únicas – solos graníticos, primários e pobres em calcário, altitudes elevadas, clima temperado continental, entre outras – o território pode considerar-se abençoado para a produção de maçã e de vinho. O binómio clima solo faz desta região a mais apropriada, a nível nacional, para a produção de maçã, de onde sobressai a tão apreciada variedade “Bravo de Esmolfe”. Relativamente aos vinhos brancos, a natural acidez, o intenso aroma e o carácter citrino, brilhante e fresco, criam especial realce, de forma a podermos afirmar tratar-se da região por excelência onde o vinho branco encontra condições únicas para se elevar ao mais alto patamar de qualidade. De igual modo, os vinhos tintos, vêm buscar essa delicadeza

no aroma e nobreza do corpo, alcançando um notável glamour com o tempo. Um dos rostos mais visíveis deste caso de estudo no seio do cooperativismo português, o Presidente da Direção da Cooperativa do Távora, João Silva, guia-nos numa visita à instituição...

67 Anos de história

“Esta estrutura cooperativa, que leva já 67 anos de existência, começou por ser apenas uma pequena adega. Na sequência do pós-guerra, face à crise que afetou o setor vitícola e que resultou em constrangimentos, nomeadamente no que concerne ao escoamento, o governo da altura privilegiou a constituição de adegas, que elegiam como finalidade a concentração de toda a produção e a garantia do escoamento da produção. É neste contexto que encontramos as gèneses desta cooperativa, que iniciou a sua atividade com poucos associados e os foi aumentando a par do aumento do sucesso evidenciado ao nível do escoamento dos vinhos. As pessoas começavam a constatar que valia a pena entregarem as suas uvas pois tinham a garantia de que a Cooperativa resolveria o problema do escoamento. Mas sucedeu-se um determinado momento em que havia que dar corpo a uma identidade de cada cooperativa e de cada região. Assim, começámos a fazer os vinhos brancos, introduzidos no mercado com uma marca de peso, designada Terras do Demo. Essa marca é baseada numa história e num casamento feliz entre a família do escritor Aquilino Ribeiro e a Cooperativa que soube, na altura certa, potenciar um grande romance de um grande escri-

tor e projetar a marca para o mercado interno. Aliás, devo frisar que todas as nossas marcas de vinhos estão ligadas ao escritor, como sucede com o Malhadinhas e costume dizer que, quando bebemos um copo de vinho ou um flute de espumante, estamos a recordar o Mestre Aquilino ou, quando lemos uma obra do Mestre Aquilino, estamos a associar os vinhos ou espumantes Terras do Demo. Aos vinhos brancos, sucederam-se na produção os vinhos tintos, mais tarde rosados, até que, em 2005, entrámos na área dos espumantes. Em suma, pretendemos tirar partido da grande potencialidade da região, do ponto de vista dos seus solos, altitude e clima. Mas porque a história desta Cooperativa não se cinge ao setor vitivinícola, há que referir o importante contributo da fruticultura. No início dos anos 70, altura em que optámos por plantações intensivas e ordenadas e graças ao grande impulso do Engenheiro Cartageno Ferreira nesta grande região do Douro Sul, foi constituída uma primeira organização frutícola no seio desta Cooperativa, normalizada e cumpridora de regras do comércio, que foi impulsionando o surgimento de outras organizações na região e que tem vindo a ser contemplada com a ampliação e remodelação da nova estação fruteira. Paralelamente, fomos crescendo paulatinamente no setor vinícola, primeiro com uma gama ainda pequena de brancos e tintos engarrafados sob a marca Terras do Demo, o branco conseguiu atingir padrões significativamente elevados de qualidade e notoriedade, ao passo que ia proliferando uma panóplia de vinhos pelo país fora, também com o surgimento de académicos ligados ao setor, nomeadamente de Vila Real e da região

de Trás-os-Montes, que permitiu que o país fosse granjeado internacionalmente”.

Um promotor da coesão social

nas décadas de 80 e 90, as cooperativas agrícolas portuguesas, mais concretamente as adegas cooperativas, depararam-se com uma grande crise, ao que não foi alheia a falta de modernização dos equipamentos ou alguma gestão menos profissional. Como costume afirmar, quem sabe fazer são os profissionais das áreas da gestão e das finanças e os enólogos, quem sabe trabalhar são os encarregados das várias estruturas e é com esses profissionais que temos de discutir, trabalhar e ir inovando. Foi também esse modelo que permitiu que a Cooperativa Agrícola do Távora se fosse marcando uma posição de relevo ao longo do tempo. É fundamental que os cooperantes sintam que, a jusante do que fazem, têm uma estrutura que garante pagar minimamente, garantindo a sustentabilidade da Cooperativa e, a par, motivando os agricultores a continuarem a trabalhar a terra. Só desta forma podemos contribuir para a fixação de pessoas e para a coesão territorial... como se dizia antigamente, a coesão existe se houver fazenda e a fazenda é fazendo-a”.

Um marco no setor do cooperativismo

“Somos uma estrutura constituída por três secções, uma da fruta, uma do vinho e outra de fatores de produção, que acompanham as necessidades evidenciadas pelos agricultores na aplicação dos seus tratamentos



com produtos fitofármacos, na vertente mecânica ou noutras relacionadas com a sua atividade, como as rações, adubos e outros produtos fitofármacos, alfaias e artigos de interesse para a lavoura. Aqui, para além do aconselhamento técnico, os agricultores dispõem de uma estrutura que consegue moderar e modelar o fornecimento do que é necessário para o amanho das terras e dos vários cultivos. Paralelamente, isso permite-nos contribuir para uma nivelção de preços e, simultaneamente, satisfazer tecnicamente os agricultores, que podem adquirir na sua estrutura os produtos que necessitam”.

Técnica e tática no terreno de cultivo

“Volvidos estes anos de existência, a Cooperativa Agrícola do Távora tem 147 fruticultores ativos, modernos e com grande capacidade evidenciada no amanho dos seus terrenos na cultura da macieira, que fazem com profissionalismo, conhecimento e obedecendo a regras de segurança alimentar. Todos têm formação quanto ao manuseamento dos produtos fitofármacos, beneficiam de um grande acompanhamento técnico e constituem uma mais-valia para a região e, particularmente, para a Cooperativa Agrícola do Távora. No que concerne à viticultura, temos 1020 viticultores ativos espalhados por nove concelhos, gente que também evoluiu significativamente quanto à seletividade da cultura e ao modo de fazer viticultura moderna. Esta região já reestruturou mais de 600 hectares de vinha moderna, o que nos permitiu, entre outros fatores, beneficiar da atual grande dinâmica em torno dos espumantes, que resultam da grande reviravolta traduzida pela seleção das castas. Estamos a crescer

nesse sentido mas também porque os agricultores perceberam que era necessário modernizar as vinhas, fornecendo à Cooperativa matéria-prima de excelência e em quantidade, o que nos permite crescer de forma sustentável. Tecnicamente, a evolução foi notória e permitiu que os agricultores colocassem castas que vão de encontro ao que de melhor produzimos. Outro fator que contribui para o sucesso desta adega é o modo como executamos as vindimas. Há cerca de 20 anos que vindimamos por castas. Fazemos estudos preliminares, as designadas microvinificações, para sabermos qual será o momento ótimo para vindimar estas variedades. Depois disso, apostamos em vindimas seletivas. Foi um caminho pensado e trilhado em colaboração com os nossos técnicos e assim conseguimos obter um padrão de qualidade o mais homogêneo possível. Quanto a indicadores de produção, num ano normal a maçã poderá chegar às 10 mil toneladas, ao passo que o vinho poderá chegar às 8500. Estamos atualmente em reconversão de vinhas, o que significa perda de algum volume mas iremos brevemente aumentar quando estas vinhas entram em produção normal”.

Castas que aliam tradição e modernidade

“A região do Távora-Varosa é conhecida pela excelência dos seus vinhos de base espumante. Aqui, destacamos vários produtores engarrafadores, dos quais salientamos empresas como a Raposeira, a Murganheira e a Cooperativa Agrícola do Távora, a maior produtora de vinho de base espumante do país e, provavelmente, a marca com denominação de origem de espumantes que atualmente mais vende em Portugal. Todos os nossos

espumantes e vinhos DOC são Távora-Varosa, o que garante ao consumidor que os vinhos são exclusivamente daqui. Quanto a castas, nas brancas, tenho que destacar a rainha, a Malvazia Fina, plantada entre os 500 e os 800 metros de altitude... Depois, temos o Verdelho, que surge em segundo plano de evidência na região, cultivado entre os 600 e os 900 metros de altitude, o que permite um floral fabuloso e a obtenção de vinhos de excelência. Temos uma Touriga Nacional que nos permite produzir Rosés de grande qualidade. Temos ainda algum Arinto e um pouco de Chardonnay, ainda que privilegiemos as castas portuguesas endógenas. Na região mais próxima do Douro, temos castas de excelência como o Viosinho e o Rabigato e ainda castas antigas, como a Rabo de Ovelha, o Cercial, o Gouveio e algum Fernão Pires. E apurámos agora uma casta que tem sido muito procurada e existe em grande quantidade na região de Armamar, o Folgasão, que deu origem à marca Fraga da Pena. Destacaria a natureza dos solos, fundamental para esta matriz de fabrico de espumantes. Efetivamente, a natureza prendeu-nos com esta matriz, que atribui ao final dos produtos uma fantástica acidez e garante a qualidade do espumante. Depois, temos encostas em que as exposições solares são importantes e atribuem um valor aromático diferenciador às castas. Por fim, destacaria a altitude e amplitude térmica, fantásticas para os brancos e para os rosados. Depois, também tivemos a felicidade de convencer os nossos agricultores a aderirem aos projetos Vitis, que permitiram reverter as vinhas. Destaco ainda o papel importante dos enólogos da Cooperativa Agrícola de Távora, bem como dos colaboradores diretos da estrutura.”

Serão estas as maçãs do pecado original?

As variedades mais representativas são as do grupo Golden (Golden Delicious, Belgolden, Lysgolden, Renders, entre outras), que representam quase 40% do total. Depois, seguem-se as variedades Gala e do tipo Starking, que representam cerca de 20% (Starking, Top Red, Hi Early, Richared) e Red Delicious, tipo Spur (Erovan, Welspur, Oregon Spur, Red Chief) com uma representatividade de 20%. Os restantes 10% são constituídos por variedades como a Bravo de Esmolfe, Reineta Parda, Fuji, etc...

A Cooperativa Agrícola do Távora produz, armazena e comercializa maçã desde 1979. Esta Cooperativa tem critérios exigentes de produção, através de acompanhamento técnico e tem ativo um sistema de aviso próprio para recomendações de tratamentos fitofármacos, segundo as normas da Protecção Integrada. O armazenamento, normalização e embalamento são feitos segundo um critério exigente de qualidade, respeitando as normas oficiais da normalização e comercialização. O sector de comercialização apresenta grande flexibilidade em termos humanos e materiais, o que permite uma grande e rápida capacidade de resposta às solicitações do mercado. A Cooperativa Agrícola do Távora está envolvida no processo de certificação de IGP (maçã da Beira Alta) e DOP (Bravo de Esmolfe) por forma a divulgar e comercializar a qualidade, fiabilidade e rastreabilidade de um produto de qualidade superior que é produzido nesta nossa região, a maçã.





TÁVORA - VAROSA
D.O.C.
Távora do Demo
Cidade Clássica - MALVASIA FINA
Cooperativa Agrícola do Távora C.R.L.
Alameda da Beira
Produtos de Portugal
12% Vol.

 COOPERATIVA
AGRÍCOLA
do TÁVORA



Business Package A sua reunião chave-na-mão

Espaços diversos para reuniões e eventos

Serviço de apoio de qualidade - Refeições, Coffee-breaks, Audiovisual e outros

Criamos momentos únicos de negócio!

Contacte-nos para mais informação

Av. Fausto Figueiredo, 279 • 2765-412 Estoril
Tel +351 214 648 300 (chamada para a rede fixa nacional)

hotelondres.com



Hosting Happy Moments

10% DESCONTO

Exclusivo para reservas diretas com o Hotel (telefone, e-mail ou website)
em regime de alojamento com pequeno-almoço incluído

Venha celebrar a Páscoa

Reserve já

Av. Fausto Figueiredo, 279 • 2765-412 Estoril
Tel +351 214 648 300 (chamada para a rede fixa nacional)

hotelondres.com





ALPHASTATUS

SOBRE NÓS

AlphaStatus é uma empresa portuguesa, que foi criada com o intuito de fornecer produtos desportivos de alta qualidade, abrangendo todo o tipo de atletas. Focamo-nos num modelo de negócio responsável e não apenas num objetivo financeiro, sendo que a satisfação total do cliente é o nosso principal objetivo. Junta-te a nós e eleva o teu Status. Sê um Alpha.

- Vestuário desportivo
- Calçado
- Compressão & proteção
- Equipamentos de desporto
- Suplementação & Nutrição
- Acessórios



www.alphastatus.pt

+351 913 188 970
Chamada para rede móvel
nacional.



[alphastatus.pt](https://www.instagram.com/alphastatus.pt)
AlphaStatus